

Com 4 mil mortos, cresce temor por extensão do conflito

'RISCO REAL DE ESCALADA'

EUA tentam evitar ampliação de crise entre Israel e Hamas após alertas do Irã



Prontidão. Soldados de Israel patrulham norte do país, perto da fronteira do Líbano. Washington teme que Teerá estimule nova frente de batalha contra Israel com movimento xiita libanês Hezbollah

TEL AVIV

Enquanto paira a ameaça de uma invasão terrestre da Faixa de Gaza por Israel, as chancelarias de países árabes e ocidentais, com os EUA em evidência, correm contra o tempo para liberar os reféns mantidos pelo grupo terrorista Hamas e evitar que o conflito se espalhe pela região. Em Washington, um dos principais temores é um envolvimento do Irã para incentivar hostilidades a partir da Síria e uma nova frente de batalha na fronteira entre Israel e Líbano.

O conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca, Jake Sullivan, disse ontem à rede de TV CBS que os EUA fizeram contatos não oficiais com Teerá para alertar contra o envolvimento no conflito.

— Não podemos descartar que o Irã decida envolver-se diretamente de alguma forma. Temos de nos preparar para qualquer eventualidade. Sullivan afirmou também que "um risco real de escalada na fronteira norte [de Israel com o Líbano]". Ao mesmo tempo, o presidente Joe Biden alertou Israel a não usar a ofensiva para recapturar Gaza.

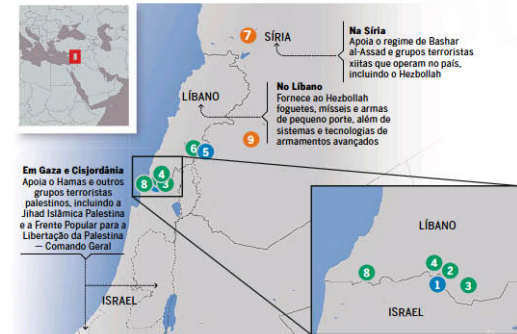
As declarações acompanharam o aumento da tensão na fronteira, onde o Hezbollah — grupo xiita apoiado pelo Irã, que travou uma guerra com Israel em 2006 — trocou hostilidades com Israel desde 7 de outubro, quando o Hamas foi responsável pelo dia mais mortal para Israel nos seus 75 anos de História. Na sexta, o Hezbollah disse estar "totalmente preparado" para se somar ao Hamas no conflito.

PORTA-AVIÕES

No sábado, o secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, anunciou o envio do segundo

AUMENTO DA TENSÃO NA FRONTEIRA DE ISRAEL

Teerá é acusado pelo Ocidente de fomentar terrorismo na região



ONTEM	SÁBADO	SEXTA	QUINTA
1 Shtula (Israel) Morte de um israelense no norte	5 Mount Dov (Israel) Quatro israelenses feridos no norte	3 Alma al-Shaab (Líbano) Morte de um cinegrafista, outros seis jornalistas feridos no sul	2 Damascó (Síria) Aeroporto internacional atingido na capital síria no sudoeste, sem vítimas
2 Alta al-Shaab, Rmeich e Ramis (Líbano) Cidades atingidas na fronteira sul libanesa, sem vítimas	6 Kfar Chouba (Líbano) Morte de dois idosos no sul	4 Aleppo (Síria) Aeroporto internacional atingido no norte, sem vítimas	7 Aleppo (Síria) Aeroporto internacional atingido no norte, sem vítimas

grupo de ataque de porta-aviões para o leste do Mediterrâneo para "dissuadir ações hostis contra Israel ou qualquer esforço direcionado a ampliar o conflito". O porta-aviões USS Eisenhower se juntará ao maior navio de guerra do mundo, o USS Gerald R. Ford, cujo envio foi anunciado antes.

Em dez dias, o conflito já deixou mais de 4 mil mortos. Do lado israelense, há mais de 1,4 mil mortos, incluindo 289 soldados, ao menos 3,3 mil feridos e 155 sequestrados. Ataques a Gaza, onde o cerco foi reforçado, deixaram quase 2,7 mil mortos e

10 mil feridos — também haveria ao menos mil desaparecidos sob os escombros. As Forças de Defesa de Israel (FDI) criaram uma zona tampão de 4 km na fronteira do Líbano após o lançamento de seis mísseis guiados antitanque pela manhã, causando a morte de um israelense. Também detectaram o lançamento de ao menos nove foguetes contra Israel a partir do Líbano — cinco foram interceptados. Os projéteis não deixaram danos ou feridos.

— Recomendamos ao Hezbollah que não intervenha. Se o fizer, estaremos prontos —

alertou o porta-voz do Exército israelense, Richard Hecht. A Força Interina da ONU no Líbano (Unifil), criada em 1978, alertou para o risco da situação ficar "fora de controle" pouco antes de seu quartel-general ser atingido por um foguete. A Unifil informou que não há feridos e que não está claro quem lançou o projétil. O presidente iraniano, Ebrahim Raisi, alertou, em ligação com o líder francês, Emmanuel Macron, que "se os crimes de Israel, incluindo o assassinato do povo e o cerco a Gaza, não pararem, a situação pode ficar complicada e

“Não podemos descartar que o Irã decida envolver-se diretamente de alguma forma”

Jake Sullivan, conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca

“Se os crimes de Israel não pararem, a situação pode se complicar e o cenário se ampliará”

Ebrahim Raisi, presidente do Irã

o cenário se ampliará”. Macron advertiu Raisi “contra qualquer escalada da tensão do conflito, particularmente no Líbano”, informou a Presidência Francesa. “O Irã, pelas relações com o Hezbollah e o Hamas tem uma responsabilidade a esse respeito”, completou.

O ministro das Relações Exteriores do Irã, Hossein Amir Abdollahian, também se manifestou em Doha, no Catar, dizendo que “ninguém” será capaz de “garantir o controle da situação” se Israel invadir Gaza por terra.

“Se os ataques do regime sionista continuarem, ninguém poderá garantir o não prolongamento do conflito”, declarou o ministro, segundo um comunicado da Chancelaria da República Islâmica.

Outro desdobramento do conflito atingiu a Síria, aliada de Teerá e apontada por Israel como rota de armamentos iranianos para o Hezbollah e para forças pró-Irã em atuação no

país. No sábado, forças israelenses bombardearam pela segunda vez na semana o aeroporto internacional da cidade de Aleppo, segundo o Ministério da Defesa do país.

OFENSIVA DIPLOMÁTICA

Após um giro por seis países árabes, o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, retorna a Israel hoje. Na quinta-feira em Tel Aviv, Blinken reafirmou o apoio “inabalável” ao aliado, mas destacou a necessidade de proteger os civis. Após um encontro ontem com o presidente do Egito, Abdel Fattah al-Sisi, Blinken disse que esteve na Jordânia, Catar, Bahrein, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Egito para “ouvir” os líderes árabes e como eles veem a crise.

— Israel tem o direito, na verdade o dever, de se defender e de tentar fazer o possível para garantir que nunca mais aconteça. Como disse em Tel Aviv, como disse o presidente Biden, a forma como Israel faz isto importa. — disse Blinken.

— Precisa fazer de modo a afirmar os valores partilhados que temos para a vida humana e a dignidade humana, tomando todas as precauções possíveis para evitar ferir civis.

Nos bastidores, autoridades americanas e representantes de outros governos ocidentais passaram a defender junto a Israel a necessidade de exercitar a contenção na ofensiva em curso, para frear uma catástrofe humanitária em Gaza e a ameaça de o conflito se espalhar pela região. Seriam três frentes diplomáticas: garantir a liberação dos reféns com a ajuda do Catar e do Egito, a entrada de ajuda humanitária em Gaza e a saída dos estrangeiros do enclave.

Além da frente americana, a China anunciou que mandará um representante à região na semana que vem. Segundo a mídia estatal chinesa, o enviado de Pequim para o Oriente Médio, Zhai Jun, atuará na tentativa de promover um “cessar-fogo” e “proteger os civis e promover conversas de paz”.

Os movimentos ocorrem enquanto Israel se prepara para invadir por terra. Tomer Bar, comandante da Força Aérea israelense, anunciou ontem que há fortes preparativos para facilitar condições ideais para as forças terrestres no caso de uma invasão por terra. Já chefe do Estado-Maior das FDI, Herzl Halevi, disse que objetivo da esperada invasão é “destruir” o Hamas.

— Nossa responsabilidade é ir aos locais onde o Hamas se organiza, opera, planeja e faz lançamentos [de foguetes] — disse durante uma conversa com soldados. — Atingi-os verdadeiramente em todos os lugares, todos os comandantes, todos os operativos, e destruí-los infraestrutura. Em uma palavra: vencer. (Com New York Times, AFP e Bloomberg)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 23